

## EDUCAÇÃO EM ARQUITETURA II

**Paulo Afonso Rheingantz<sup>1</sup>**

Dando sequência à temática da *Educação em Arquitetura* iniciada no volume anterior (Pixo 15), contendo os textos mais relacionados com arquitetura, a revista Pixo 16, também emoldurada por outra linda e instigante collage, de autoria de Fernando Fuão, reúne artigos e ensaios com conteúdo mais relacionado com os desafios para [re] integrar o ensino formal e a prática profissional na formação das futuras arquitetas e arquitetos diante dos efeitos das tecnologias digitais, dos processos colaborativos e da urbanização a um só tempo local e global no urbanismo. Este número também reúne treze *Artigos e Ensaios*, uma *Resenha* e dois ensaios na seção *Parede Branca*, destinada a divulgar material de conteúdo flexível abordando experimentações e reflexões sobre o campo da arquitetura e do urbanismo.

No artigo de abertura, *Da prática ludens à invenção da cidade: escrever como maneira de habitar*, Ana Paula Vieceli, inspirada pela ideia *Lefebvriana* de que o direito à cidade, transcendente ao acesso à cidade, inclui o direito de inventá-la e aposta no jogo – Arcanos Urbanos – como “experimento de uma práxis de apropriação ativa do espaço urbano”. Trata-se de “um jogo que lança cartas disparadoras de experiências urbanas direcionadas aos espaços públicos da cidade” no qual os jogadores – estudantes – apostam nas potências espaciais e tomam seus conteúdos como matéria de expressão tecida como uma rede cujo fazer é mobilizado pela associação entre apropriação e encantamento e, juntos, também se engajam em um *fabricar com a cidade*. E ensaiam com liberdade e porosidade do lugar como espaço expressivo de outros modos de ser e habitar.

Na sequência, o artigo *Nas fronteiras do graffiti e da lei: notas sobre a regulação municipal da arte urbana em cidades do Vale do Paraíba e litoral norte de São Paulo*, Bianca Domingos, Fabiana do Amaral e Silva e Valéria Regina Zanetti se valem de um recorte temporal de uma década (2009-2019) para, a partir do levantamento de Leis, Projetos de Lei e Leis municipais direta ou indiretamente relacionadas com o graffiti para estudá-los como processos culturais das artes urbanas em quatro municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte do Estado de São Paulo que contam com legislação específica, a saber: Jacareí, São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá.

Já o terceiro artigo, *Mapeamento de publicações científicas sobre cidades resilientes*, de autoria de Victor Hugo de Abreu, Larissa Turini e Andrea Souza Santos, entendendo a resiliência “como um elemento crucial nas transformações urbanas”, se valem de análises bibliométricas e sistemáticas em periódicos de relevância científica para examinar a produção sobre cidades resilientes. Segundo nas autoras, os resultados da pesquisa evidenciam um processo gradual de expansão dividido entre aqueles que buscam entender e ampliar os conceitos e aqueles que estudam o planejamento

necessário para tornas as cidades mais resilientes.

O quarto artigo, de autoria de Marcelo Sbarra, *Bruno Latour e o uso da cartografia de controvérsias em arquitetura: reconectando teoria e prática no ensino de arquitetura na contemporaneidade*, inspirado em Bruno Latour e na Teoria Ator-Rede, explora uma releitura de duas obras clássicas do ensino de arquitetura-urbanismo – *Paisagem Urbana*, de Gordon Cullen, e *A imagem da Cidade*, de Kevin Lynch – escritos no início da década de 1960. Sua releitura se dá a partir do entendimento de uma atualidade onde o local e o global se entrelaçam na produção contínua de novos conhecimentos sobre a cidade utilizando processos colaborativos – COM. Para atualizar a maneira de mapear a cidade e produzir leituras que valorizem a polifonia e a constante modificação das cidades, se vale da cartografia de controvérsias e do uso de diferentes artefatos tecnológicos que não existiam quando as duas obras foram escritas.

Na sequência, com o ensaio *Discutindo movimentos: uma aproximação entre os ciclos naturais e urbanos*, influenciado pelo pensamento de Deleuze e Guattari, Andrews Jobim explora as tensões envolvidas no processo de pensar a cidade a partir de “uma linha que cruza diversos planos que se sobrepõem”. E a partir da experiência e posição de um observador “que toma um grupo como estranho e outro como familiar”, explora a contraposição de ciclos de movimentos naturais e movimentos urbanos. Para pontuar o modo como aprendemos e a importância da experiência para a produção de diferenças, considera as diferentes formas de agenciamentos para a produção dessas experiências e reconhece os dispositivos tecnológicos como importantes ferramentas desse processo.

O sexto artigo, *Educação integral e cidades educadoras: experiências educativas em cidades brasileiras*, de Rafael Gomes e Giselle Azevedo abordam o tema da educação integral, em alinhamento com os movimentos de retomada da educação integral, reconhecendo sua importância na formulação de políticas socioeducativas e de assistência social de combate às desigualdades sociais e da melhoria da qualidade do ensino. A partir do entendimento de educação integral implica em integrar as dimensões afetivas, cognitivas e a multidimensionalidade dos processos de formação dos seres humanos exploram algumas experiências pedagógicas com cidades educadoras em municípios brasileiros e discutem os seus efeitos nas políticas socioeducativas.

A seguir, em *O mapear por crianças: da cartografia à leitura de mundo*, Alexandre Matiello e Giselle Azevedo fundamentados no pensamento de Paulo Freire e na ideia de leitura de mundo, utilizando referências metodológicas da cartografia, ressignificam alguns instrumentos de percepção ambiental utilizados pelo Grupo Ambiente-Educação (GAE). Ao considerarem a experiência do saber feito dos alfabetizando para sua alfabetização territorial, os instrumentos se transformaram em dispositivos auxiliares para a identificação de Territórios Educativos (TE) em torno do Mapear em oficinas realizadas junto com crianças. A produção das crianças resultou em um Atlas-síntese dos Tes, que (1) revelou um conjunto de falas, escrita e graficação das crianças e de sua visão sobre o território, possibilitou que elas refletissem sobre seu papel de cartógrafas de sua realidade vivida; e (2) transformou em um novo dispositivo de mediação do aprendizado das crianças.

Por sua vez, o artigo *Picho como ferramenta de profanação das práticas de normalização da cidade*, de autoria de Rodrigo Kreher, parte dos conceitos de governabilidade e do diálogo entre as noções de resistência de Michel Foucault e da noção de profanação de Giorgio Agamben para discutir “a prática da pichação como uma estratégia de profanação dos dispositivos de normalização do espaço público e urbano”. Em lugar de ação antagônica aos modos instituídos de viver nas cidades, a pichação é explorada em seu potencial irruptivo, “na medida em que a sua prática negligencia os códigos de

<sup>1</sup> Arquiteto, Doutor em Engenharia de Produção (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Pós-doutorado no City and Regional Planning Department, California Polytechnic State University, San Luis Obispo. Professor Colaborador Voluntário do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro [nov 2012-atual] e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas [jul2019-atual]; Professor Visitante Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas [out2018 - atual]; Professor Visitante Nacional Senior/Capes do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas [out/2014-set2018].

conduta estabelecidos, brincando com as normativas urbanas”.

Em *O papel da academia e as demandas da sociedade para o arquiteto: o ofício que teve sua origem nos canteiros e a crescente terceirização atual do ensino prático* Layza Maria Sobral busca entender “a desvalorização profissional e as demandas atuais da sociedade na área de atuação do arquiteto”. Recorre a uma breve retrospectiva histórica da formação generalista do arquiteto para diferenciar as práticas de projeto ensinadas na universidade das aprendidas no mercado de trabalho. Os resultados, indicativos de um afastamento intencional das práticas dos profissionais de projeto e um aprofundamento da reflexão teórica que qualificam seus questionamentos e a contextualização de seus projetos; eles também são indicativos da necessidade das escolas aprofundarem o domínio das técnicas e demandas construtivas, de gerenciamento, coordenação e planejamento estratégico.

Na sequência, em *Experimentações espaciais e linhas subjetivas que transbordam e potência do projeto arquitetônico e Jardim Paulista, Presidente Prudente, SP*, Renan Koga e Hélio Hirao recorrem às derivas e cartografias deleuzeanas e psicogeográficas para mapear “a tessitura das conexões das linhas de forças e afetos das ambiências cotidianas do recorte espacial experimentado do Jardim Paulista”. E as utilizam no desenvolvimento de uma proposta de intervenção projetual, explorando as forças das conexões ambiente-e-forma nas relações com os habitantes de um lugar em contínuo movimento de transformações, potencializando “o projeto como intervenção para as práticas consideradas sem hierarquias, expressando seu cotidiano, em busca da não-objetivação da forma”.

No décimo primeiro artigo, *Educação e(m) urbanismo sob a lógica do capital*, Maria Ribeiro Calil e Cláudio Rezende Ribeiro questionam o saber hegemônico “(re)produzido nas escolas de arquitetura e urbanismo” e exploram “conexões teóricas entre os campos da educação e do espaço” para enfrentarem os desafios das desigualdades e os retrocessos nas conquistas e direitos sociais, a luta pelo direito à cidade e à educação pública em um contexto de desmonte das universidades públicas. E exploram a pluralidade de visões dos saberes periféricos a distribuição de educação e de cidade como demandas sociais plenas para afirmar competências que conduzam à ruptura do modelo hegemônico de ensino na produção de ambientes democráticos.

O penúltimo artigo, *O Projeto Arquivo: cidade, patrimônio e inclusão. A prática e a pesquisa como forma de valorização do bem patrimonial*, de autoria de Emanuel Aquino e Rita Chaves apresentam o Projeto Arquivo, de inclusão pela pesquisa, catalogação e divulgação em plataforma digital, do patrimônio cultural de Curitiba. Partindo do levantamento dos imóveis de interesse histórico, os dados são disponibilizados para consulta pública na web. O Projeto Arquivo serviu de base para a reflexão sobre a contribuição das práticas do grupo para a disseminar o conhecimento, a valorização patrimonial e a apropriação dos bens históricos de Curitiba.

O último artigo, *Novos desafios da extensão universitária em tempos de covid: assistência técnica em assentamentos precários*, Sara Parlato, Luana dos Santos e Nirce Medvedovski exploram o potencial estratégico da extensão universitária na formação de estudantes, ao possibilitar a inserção dos ensinamentos aprendidos na Universidade em contextos reais. E descrevem um processo de ajuste das atividades de extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, em decorrência das restrições e ameaças da pandemia do Coronavírus que comprometeram o contato com os moradores do loteamento anglo (Pelotas/RS).

A atividade de Extensão é uma das estratégias de formação do estudante: os alunos aprendem a aplicar, dentro da realidade, os e a reconhecer as práticas sociais e

os conhecimentos desenvolvidos dentro da comunidade; os cidadãos começam a reconhecer o trabalho do extensionista/pesquisador e podem se aproximar ao conhecimento técnico. E ilustram os ajustes e procedimentos necessários para viabilizar uma das atividades de extensão da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas vinculada a um projeto de pesquisa que avalia o desempenho termoenergético das unidades habitacionais do loteamento através da coleta de dados de campo e simulações computacionais, e propõe soluções para mitigar os problemas detectados. A atividade de extensão visa oferecer assistência técnica aos moradores do loteamento Anglo (Pelotas/RS).

Na sequência, Evandro Fiorin e Heber Vasconcelos, *Caminhar e parar com Francesco Careri: uma pedagogia nômade*, nos brindam com uma *Resenha*, do livro *Caminhar e Parar* de autoria do arquiteto-urbanista e professor da Universidade Roma Tre, Francesco Careri. Redigida durante a pandemia do Coronavírus, os autores exploram as ideias e as práticas pedagógicas na modalidade peripatética pelos territórios atuais das conformações urbanas contemporâneas. A resenha explora as principais preocupações de Careri em seu livro-convite “para um encontro com os Outros e com o mundo que nos rodeia” e a importância da obra como estímulo para “repensarmos como será o ensino de Arquitetura e Urbanismo depois da pandemia do SARS-COVID-2”, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem remoto carece do contato direto com o Outro e da possibilidade de interação com o espaço da cidade. Com isso o lugar de ação dos arquitetos urbanistas se desloca da cidade para a tela ou a janela. Os autores apostam na oportunidade de, mesmo “parados”, refletirmos sobre os rumos da profissão e os caminhos possíveis para uma pedagogia nômade de retomada da cidade.

Como fechamento dessa edição a seção *Parede Branca*, concebida para a divulgação de material de conteúdo flexível, abordando experimentações e reflexões sobre o campo da arquitetura e do urbanismo, apresentamos dois trabalhos expressando experiências de apropriação urbana e ações educativas virtuais de cartografia afetiva. O primeiro, como o próprio título sugere, *Inquietações murais: arte e patrimônio* expressa a inquietação de autoria de Darlan Almeida da Rosa e Sandro Martinez Conceição, motivados pela significância da celebração do dia do orgulho LGBTQIA+- assumem seu papel de agentes modificadores e questionadores dos ambientes de sua circulação cotidiana. Inspirados em Michel de Certeau e no “ato de andar” de Vera Pallamin, exploram as possibilidades de intervenção artística nos “vazios verticais emblemáticos” com a intensão de reinventar e desmistificar o entendimento de patrimônio e arte na cidade de Bagé/RS pela apropriação dos espaços urbanos que expressem inquietação com a falta de arte em um contexto de patrimônio histórico.

O segundo, *Cartografia, desconstrução e cidade uma ação educativa virtual cartográfica-afetiva*, de autoria de Celma Paese, Adriane Silvério Neto, Alice Carolina Bello Barros, Aline Freitas Carneiro Alves, Gabriela Ferreira Mariano, Gabriela Kunieda Suzuki, Isabela Maria Gonçalves Cardoso, Jean Eduardo Torrent Almeida, Kellen Melo Dorileo Louzich, Laís Dellinghausen Portela, Lais Marques Fabiano de Araújo, Leonardo Oliveira Silva, Rafael Tavares dos Santos Almeida, Tais Beltrame dos Santos, Tatiana Silva Scher e Vanessa Forneck, explora as ações educativas da Escola Aberta – AESCOA – idealizada por Pedro Debiazi e Diego Brasil, focada na educação continuada on-line em arquitetura-urbanismo e áreas afins na construção compartilhada e multidisciplinar de conhecimentos capazes de ampliar os debates sobre a produção do espaço urbano. A primeira ação educativa da AESCOA foi a *Cartografia, Desconstrução e Cidade* aconteceu em julho de 2020, no contexto da pandemia do COVID-19. Fundamentados nas práticas da Cartografia da Hospitalidade, os participantes foram convidados a percorrer o entorno de suas casas e, a partir dessa experiência, produzirem uma cartografia imagética-textual da hospitalidade

desses entornos no *my maps*. Após uma breve contextualização da proposta, são apresentados os resultados dessas cartografias. A segunda ação educativa explora as cartografias realizadas nas diferentes cidades brasileiras habitadas pelos participantes do curso vivem seus sonhos e reúne um conjunto de cartografias de Salvador/BA, Rio de Janeiro/RJ, Bauru/SP, Florianópolis/SC, Uberlândia/MG, São Geraldo/MG, Goiânia/GO, Brasília/DF, São Luis do Maranhão/MA, e em três cidades do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Pelotas e Teutônia. E fecham a edição dos dois números da Píxo dedicados ao tema da Educação em Arquitetura com chave de ouro, desejando aos leitores uma “Boa Viagem!”.

O material reunido nos números 15 e 16 da Píxo é uma bela resposta à provocação que finaliza a chamada sobre a necessidade de ampliarmos e aprofundarmos a reflexão sobre *se* e *como* a formação de arquitetos pode estar relacionada com algumas tendências do trabalho do arquiteto.

Boa leitura!

*Paulo Afonso Rheingantz*